

TECENDO FIOS E MEMÓRIAS: AFETOS E RESISTÊNCIAS O BORDADO COMO ATIVISMO NO GRUPO DOCES LINHAS: BORDADOS DO MUSEU DO DOCE

KEROLIN DOS SANTOS BANDFIRA¹; CARLA RODRIGUES
GASTAUD²; NORIS MARA PACHECO MARTINS LEAL³

¹Universidade Federal de Pelotas – kerolinsantos12@gmail.com¹

²Universidade Federal de Pelotas – crgastaud@gmail.com²

³Universidade Federal de Pelotas – norismara@gmail.com³

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa o bordado como prática cultural e expressão política, inserida na perspectiva do patrimônio imaterial. “O patrimônio cultural não se restringe aos objetos, mas inclui também os saberes, as práticas e as expressões que dão sentido à vida em sociedade” (ABREU, 2003, p. 95). Atividades manuais historicamente associadas ao “feminino” foram desvalorizadas e carregadas de estigmas (NOCHLIN, 1971).

O bordado, antes visto como “arte menor” (NOGUEIRA, 2021), foi ressignificado pelas mulheres como gesto político, transformando opressão em criatividade e resistência. Exemplos disso são os lenços bordados por sufragistas (BAKEWELL, 2025), as Arpilleras chilenas contra a ditadura (MUÑOZ, 2012) e a obra de Zuzu Angel, que transformou dor em denúncia estética (SILVA, 2006).

Em Pelotas, o grupo Doces Linhas surgiu em 2017, na disciplina *Bordaduras - a vida bordada*, ministrada por Maria Antonieta Dall'Igna. Em 2018, consolidou-se como projeto de extensão coordenado por Carla Gastaud e Noris Leal no Museu do Doce. O espaço transformou-se em lugar de convivência, memória e fortalecimento identitário, possibilitando que mulheres idosas “saíssem do silêncio e recuperassem a palavra” (BEAUVOIR, 2018, p. 7).

Pouco se discute como práticas comunitárias transformam museus em espaços de protagonismo. A experiência das bordadeiras mostra que o fazer manual pode fortalecer memórias coletivas, valorizar saberes, promover inclusão e construir narrativas museológicas inclusivas. Na perspectiva da sociomuseologia, mulheres “historicamente silenciadas podem assumir protagonismo na construção de práticas e narrativas culturais” (PRIMO, 2021).

2. METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa e adota o estudo de caso do grupo Doces Linhas (SEVERINO, 2007). Foram utilizados registros do grupo, fotografias, conversas informais e observação participante para compreender convivências, práticas e impactos sociais do bordado.

A base metodológica articula: patrimônio imaterial (ABREU, 2003), sociomuseologia (PRIMO, 2021) e resistência simbólica (BOURDIEU, 1996; 2010). O bordado é analisado não apenas como expressão artística, mas como prática de memória, resistência e sociabilidade de mulheres idosas.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Desde maio de 2025, com o início do período da bolsa de extensão, foi possível integrar o grupo, acompanhar as reuniões e conhecer de perto sua trajetória e participantes. Como relatado em materiais institucionais da Universidade Federal de Pelotas, cada encontro do Doces Linhas representa “uma oportunidade de aprendizado e fortalecimento de vínculos”, evidenciando a dimensão social e afetiva do projeto (UFPEL, 2020).

O grupo também se envolve em ações de caráter social e ativista. Em 2019, participou do projeto internacional *Blue Jeans Sisters*, confeccionando 30 bonecas enviadas à Austrália em protesto contra o trabalho escravo de mulheres na indústria da moda (UFPEL, 2019). Durante a pandemia de COVID-19, em 2020, produziu sachês em formato de coração, que foram entregues a profissionais da saúde em Pelotas como gesto de reconhecimento e solidariedade (UFPEL, 2020).

As atividades desenvolvidas pelo Doces Linhas reforçam a importância de grupos de convivência e sociabilidade para a sociomuseologia. Como afirma Primo

(2021, p. 48), “grupos comunitários tornam-se protagonistas na construção de narrativas museológicas, valorizando saberes locais e experiências coletivas”. Nesse sentido, o projeto demonstra como práticas culturais podem ultrapassar o âmbito estético e artesanal, tornando-se ferramentas de empoderamento, solidariedade e transformação social, ao mesmo tempo em que mantêm vivas tradições culturais e valorizam histórias de grupos historicamente marginalizados.

4. CONSIDERAÇÕES

O bordado, muitas vezes visto como “arte menor” por ser uma habilidade dita como feminina, mostra-se um instrumento de resistência, sociabilidade e preservação da memória coletiva. O grupo Doces Linhas: Bordados do Museu do Doce evidencia a relevância dos grupos de convivência para a sociomuseologia, ao transformar o museu em espaço vivo de participação comunitária.

Conforme (PRIMO, 2021 p. 34), “pessoas alvo de preconceito e exclusões, quando estão em processo de insurreição, assumem-se como corpos-sujeitos e como órgãos políticos que reivindicam o direito à sua plena identidade... podem tensionar, provocar e até exigir que as instituições produtoras de conhecimento [...] redesenham uma sociedade mais democrática e participativa”. Nesse contexto, grupos comunitários tornam-se protagonistas na construção de narrativas museológicas, e práticas culturais como o bordado ganham papel importante ao empoderar mulheres idosas, fortalecer vínculos afetivos e resgatar saberes historicamente marginalizados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKEWELL, Rachel. Threads of defiance: the protest textiles of the suffragette movement. 2025. Disponível em: <https://rachelbakewellartist.com.uk/2025/07/16/threads-of-defiance-the-protest-textiles-of-the-suffragette-movement/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. A velhice. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2018.

MUÑOZ, Soledad Fátima. Threads of resistance: the Chilean arpilleras. In: Textile Society of America Symposium Proceedings. Lincoln: University of Nebraska, 2012.

Disponível em: <https://digitalcommons.unl.edu/tsaconf/1153/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

NOGUEIRA, Clara. [Cômodo]: Considerações sobre o feminismo, o têxtil e a maternidade. In: ANDRADE, Luana; BORRE, Luciana. *Tramações: a memória e o têxtil*. Recife: Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPE; Ed. UFPE, 2021.

NOCHLIN, Linda. Por que não houve grandes mulheres artistas? Tradução: Juliana Vacaro. São Paulo: Studio, 2016. Título original: Why Have There Been No Great Women Artists? Disponível em: <http://www.edicoesaurora.com/ensaios/Ensaio6.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2025.

PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário (Orgs.). Teoria e prática da sociomuseologia. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.36572/csm.2021.book_3. Acesso em: 20 ago. 2025.

SILVA, Denise Mattar. Zuzu Angel: moda e resistência. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2006.

UFPEL. Doces Linhas: Bordados do Museu do Doce. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2019. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2019/03/14/grupo-doces-linhas-no-projeto-blue-jeans-sisters/>. Acesso em: 21 ago. 2025.

UFPEL. Doces Linhas: Bordados do Museu do Doce. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2020. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2020/12/04/bordadeiras-do-museu-do-doce-homenageiam-trabalhadores-da-area-covid-do-he/>. Acesso em: 21 ago. 2025.

UFPEL. Doces Linhas: Bordados do Museu do Doce. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2020. Disponível em: <https://ccs2.ufpel.edu.br/wp/2022/03/25/projeto-de-extensao-doces-linhas-bordadeiras-do-museu-do-doce-retoma-atividades-presenciais/>. Acesso em: 21 ago. 2025.